

maria e os ventos caídos

Raeltom Santos Munizo¹

Uma pessoa me fez sonhar, fez-me respirar a ventania mole que escorre de folha verde em orvalho temperado, daquela mais levantada do corpo em garranchos de Tatarena de Rosca. Maria, a de luz de dentro, a menina em florismo, ramo de José do Fundão, amou em seio farto Gabriel, o grande de coração menino, de peito queimado, de olhos guardados, de amor seu, só seu desde a primeira travessura de seus olhos ao lhe fitar e colher com calma e medo de te sumir no piscar da ligeira escuridão. Ai, Maria e Gabriel, coisas de areia fresca de riacho sombreado e sem água passeando. Esses dois me avistaram uma vez anos atrás perdido no caule do meu tempo, mas seu escutado caso de amor severino e firme como lua bruta desaguando na serra ficou em mim se inventando! Acho que eles esqueceram um miúdo desse amor em a pessoa que vos cala o coração, senhor odoroso ouvidor. Entrou pelos meus olhos, aquele mantimento de dois, e aqui eu o protejo e me aproveito de sua quentinha força. Então, tá de noite em volta de meu candeeiro, e eu quero falar, botar pro ar uns causos desse povo que me tornou testemunha de sua felicidade ladrilhada. Eu acho que o nome dela é inhá-Ana, a mulher danada que caça pomba-moça para alçar os voos de suas penas sem suporte no corpo da pequena sombreira; ela as devorava com os olhos desde a arapuca, na qual o terror de suas mãos acoitava a alma e a escorraçava da carne do leve animal; Ana odiava o broto que Maria cuidava no peito arfado de Gabriel, e eu odeio em comédia, a partir dessas palavras, Ana, a tal ventania com nó, o cai-bento dentro da barroca fina e seca, onde a mão em palma não alcança e não o salva da escuridão e vapor da terra.

Eles e o amor na veia da maneira de espremer o olhar pra sorrir. Toda maneira feliz em amor é tempo de palavreado para adocicar a pele. Queira Maria, seu Gabriel, em seu estreito passear. É nele que anda mirando seu floreio de espelhos-pedrados. Anda Maria, fale que o ame para pender os ventos torcidos do Sertãozim-do-pó-pesado. Diga Maria, o que o povo não sabe em seu grande alvoroço por esse mundo de casco duro do calcanhar esquerdo de meu Deus, pois, “ispia”, nós precisamos saber e desejar, mas também tentar acostumar com o ideário disso que você chora pra acalmar sua guarda de dentro. Ditai-me, minha dama barroqueira, o que amor vos cala, o que o mato cheira ao tocá-lo com seus dedos mornos e em êxtase após o atrito dos suores grossos de amor em ato. Memória, ei de ter para calejar a minha boca com a sua história e jogar por cima do tempo essa narrativa, para que os vindouros filhos dessa terra e de sertões por nunca dantes

¹ Raeltom Santos Munizo possui graduação em Letras Vernáculas e Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: munizo_raeltom@hotmail.com.

queimados por nossa imaginação saibam e cunham em pedra bruta, as imagens de vocês em ofegâncias.

Por dentro do Sertão, essa memória há de viver e, como as Baraonas, há de pari suas folhas pavão e carnudas em inverno estioso. Só no ventre úmido do sertão terra grande! E dentro do homem que ara essa terra de Atlantes dentro de seu peito assobiador.

Ditou-me que Maria se fez vento solto em momentos de traquina folia. A bela moçoila tinha a forma bruta do ar dos miúdos traços de José do Fundão, seu pai. Sua mãe se enramou estrela no céu frio ainda quando Maria não bailava os lábios com a ventania das palavras. Foi criada pelos braços de seu pai e, na falta de uma figura sutil à sua semelhança, aprendeu a rodopiar e ser mulher no corpo do vento denso que descia a ladeira para lhe apanhar! Maria-flor-espanta-quebranto alevantou-se no seu lar, uma rodada casinha de barro em pau nos fundos de uma revoada de Jatobás, situados numa fazenda de nomeadura Issiu-d’Antônio. Lugarzinho pequeno, um grito lhe dá uma volta toda; as casinhas juntas e amigas são de gente que se vê tudo como parentes e amigos; a serra que lhe recobre as costas, protege-lhe do sol de três da tarde; o escasso riacho que deixa água no meio da terra é o que escuma as cacimbas, onde as pessoas colhem a flor que transparece. Aí, Maria cresceu como mandacaru verde encarnando-se perante o sol. Ah, mandacaru é a flor de talos de nossa seca, e é menino brotando do suor d’orvalho de nossos barrancos vermelhos.

Um dia, em que era todo de flor de sal o sorriso de Maria, Issiu-d’Antônio acomodou um viajante, de nome sonoro e bonito de se escutar da boca do sertanejo, era Gabriel. Reto seu olhar era, e oblíquo ficou ao ver Maria correr selvagem pela sua vista. Era ela, toda ligeira, indo pra o terreiro das cacimbas, correndo pra pegar a água mais formosa que a terra preparou para os primeiros a avançá-la. Um segundo no olho foi o suficiente para Maria marcar Gabriel. Ele se foi pra casa de seu tio, Clemente-d’oio-d’água, a quem muito desejava ver desde os tempos meninos, mas só pode agora que menino não mais era a tempos a dentro. Esse moço era de recanto de terra árida distante; sabe, o chão é mar andando por aí, e aonde eu vou, só ele é sertão que meus pés sentem a me aquecer, parece até que ele tem um sol próprio fincado dentro dele; oh! Terra-brava que se espalha como poeira arisca por léguas a milhas por aí. Soube também que Gabriel morava só com a mãe e dois irmãos mais velhos, pois seu pai havia morrido por morte-de-pele quando ele moço se via. Enfim, tá bom essas palavras sobre o moço, pois o homem de corpo sertanejo é difícil de explicar pelas curvas das palavras. Só espiando nu mesmo.

Maria bem quis saber também do tal rapaz que as moças sinuosas de lá queriam reparar, mas esperou o momento oportuno. Era época de apeada de chuva, pois o mandacaru do morro rebaixado estava parindo flor branca arrebitada e o ar se carregava de uma secura aguda, a qual levantava um cheiro de água batida em terras vizinhas; os bem-te-vis somavam garranchinhos em volta de seus corpinhos sofridos; eles também adoçavam os ventos que corriam pelas costas de Maria, linda do sal do viver. Da terra, alguns fiapos de malvas pulavam apressados para ver o primeiro gotejo cair no bico do cardial e pintar de vermelho a sua copa; o povo todo começava a acalmar mais o fôlego, a sorrir olhando pro céu azul-mais-que-mar, esperando apontar lá no final baixo dele uma nuvem pesada e escura. É a melhor coisa que o Sertão sabe jogar do alto para seus meninos, porque é aquilo que só no céu pode ficar parada como Deus.

Feliz dia foi aquele que ela caiu: pendoou o céu! Maria era menina a correr em volta de tanta água. Gabriel estava vindo de roça distante do seu tio em baixo de chuva, quando viu essa menina-moça rodopiando nos cabelos da lama a sair do chão pelo açoite de seus pés. Ele sorriu com aquilo que via. Ficou parado vendo a alegria em carne e água! Era animoso ver aquilo e Gabriel bem quis se aproximar, mas sabia que era a hora e a vez daquela bailarina das poças. Maria enfraquecendo ao bailado da chuva parou enquanto seu suor fresco escorria ao lado das gotas d'água-de-chuva. Ela viu o moço em sua frente lhe plantando as vistas e sorrindo ao gosto do coração; ela, então, fez os pés se moverem ao gosto do destino em direção a quem vos chama pelo mover do peito. Investiu os dois no encontro que estava tão perto de suceder. Ela estava também rezando à Inhá-de-luz Maria Aparecida, em miúdo silêncio, pela chegada da água na terrinha, mas quando precisou falar um cumprimento ao moço, esqueceu-se da reza de agradecimento e só conseguiu admirá-lo, por uma razão que ela queria descobrir.

Um “boa tarde” se deu entre os dois quando suas respirações se confrontavam. Gabriel a cumprimentou com as duas mãos, Maria as recebeu com um leve e profundo toque nas bordas. A boa calma que a muitos faltam, ali, naquele encontro de vida necessário, deixou dois corações alegres, dispostos a manejarem a boca a mover-se por delongadas léguas de horas. E assim começou, eles conversaram sobre coisas banais, coisas que não se precisava falar, mas falaram, só pra ouvirem a voz do encontro; e isso os fez pendurar seus pés em barranco, enquanto o sol escorraçava o restante de nuvens e alevantava em fiapos quentes as gotas que minavam em seus corpos. O sol se escorreu no céu!

Após alguns instantes de calma na conversa engatadora, na qual menos coisas disseram do que aquilo que estava voando em seus pensamentos, ambos acharam o anoitecido caminho de casa. Para comemorar a chegada das águas, o povo de Issiu-d'Antônio se arrodearam no terreiro-comum, naquela mesma noite de frescura e cheiro d'água e terra alvoroçando os ares de lá. Cantar para a chuva era prática costumeira, por meio da qual o peito daquela gente pintava de sons e alegrias o céu escuro pela noite de nuvens. Olha, parece que eu estava ali correndo pelos pensamentos de alegria que choviam naquele terreiro; eu vejo a tortura e tamanho das mãos de cada pessoa dali; são gentes muito altas e magras e com quebradas veias no lado esquerdo do pescoço, os olhos rumam ao pés, mas Maria é estranha ali. Presidiu a noitada de festejo o senhor Francisco, um certo conselheiro esperto de espírito matreiro que de ordem com o mato vivia; os cabelos brancos de nhô Cisco caídos levemente sobre seus ombros encurtados e calmos estavam em contraste com a noite e em conforme com a alvura da lua que num canto do céu de falhas nuvens aparecia. Esse senhor ascendeu uma fogueira miúda no centro do rodeado de gentes e fez sinal para as mães-primeiras começarem suas ladainhas suaves:

*Senhor nosso, bom meu Deus,
Tua flor que caiu,
Em meu colo se afogou,
E na terra bem brotou;
Com minha fé e meus pés, eu a sinto,
Dando vida ao recinto de minha terra
Carecida de sua água escorrida, escolhida.*

*Ai meu Deus!
Que palavras no Sertão hão de ti dá oração?!
Mas minha voz, em alegria,
Sai de mim para o ar, que a colhe e espraia
Pra que um dia
Estas se tornem simples,
A ponto de soar ao seu gosto.
Perdoai minhas descrenças
De que água nunca vinha
Para a terra que se abatia,
Por tu não queres desagua;
Hoje vemos e sentimos
Em nossos dorsos, a gota arder,
E o remorso de ousar te prever!*

A ladainha a quase se afogar nas gargantas cantarolantes das mães, em virtude das voltas que as vozes davam para experimentar as belas letras, as quais a tanto tempo eram esperadas para serem movidas nos lábios gratos pelas águas que ainda está suando no ar daquele pedacinho do corpo d'sertão. Terminando o canto, a voz do chuvisco agora principia e todos calados com os olhos clareando o corpo da noite. Noite quase azul, inundando-se de água e de felicidades. Noite calma nos peitos postos em sossego dos sertanejos brincando de amarelinha por dentro de si; feito menina de azul de luz, Maria ria em consonância com os seus, brincava com as mãos meio ao frescor que o vento lhe trazia do norte rebento que sente a hora de ver o sol em águas se misturar. Passando os minutos de chuva mais fraquejada e bailada pelos redemoinhos aéreos, a reunião findou em graças a Deus. Todos para casa voltaram, a fim de espiarem as chuvas que tornarão ali.

Ouçã aqui debaixo de minha voz, o rio do tempo não nascido que caiu soprando e invadindo os medos extintos. Meu espírito nos dias do domínio das águas ardidas do céu sentiu a faca do amor de Maria cortar o tempo de Gabriel. Ele vinha para ela, puxado pelo vento, caindo nos ninhos do afeto sem mensurar uma ordem para aquilo. Era uma força entrando onde não se têm espaços para dançar com ela. O coração do Brasil escondido deve ser feito disto. Gabriel conversou sobre toda a grande nova vida voando dentro dele para Maria, para não morrer de perdição. Ela riu, estranhou o medo de falar o que guardava ele em si, pois era ele aquilo, logo não deveria ter medo de si. O homem tem coisas guardadas na carne que esconde o Adão da vida. Maria assoviou falando para Gabriel que ela não sabia o que ela sentia por ele, mas gostava de imaginar a lagoa cheirando Gabriel, a janela pendurando Gabriel para ela olhar seus arrepios, o dia preparando luta para eles juntos gemerem, etc. Maria correu e rasgou o céu perto da terra, rindo e cuspiendo nas ruas dos ventos.

Nos dias depois, Maria de Gabriel experimentou o paraíso perdido com substância de relações enfrentadas e confrontadas com fogo na boca do vento. Ana, a moça que carrega no ventre a inveja e no coração pendido o desamor de Gabriel e Maria, lançou sobre as mandiocas, com as quais Gabriel trabalhava a raladura, algumas espinhas do líquido esqueleto da arma de morte da cobra, daquelas frepas que gemem as unhas e petrificam o escuro em nosso corpo, a fim de Gabriel se estrelar ao buscar as mandiocas com as mãos.

Gabriel sentiu a mão pesar como água no topo da cachoeira; ela caiu ao sul, pingando dor. A lua minguante descia mais a vida do homem. A febre começou a ferver vento dentro dos alvéolos do corpo de Gabriel. Maria dançou com os lábios em rezas madrugueiras, chamando a saúde do amor. Três dias depois, a espinha virava uma cobra serpenteando pelo corpo de sangue dele. Ele chorava. Maria descia as ladeiras de Issiu-d'Antônio com os pés caídos dos ventos, queimando, doendo pelo duro da terra, perguntando às senhoras antigas dali o remédio para o bem viver do amado dela. Ensinavam e ela fazia em segura do desespero. Gabriel pôs os olhos para baixo, após mais dias em sofrere derrota do corpo que em linha dura se formata. No fechar da visão, sua mão caída jorrou sangue de chumbo, o que aliviou seu pesar, em razão de reza de Leorvina que morava na mata brasa. O corpo estava cansado e devagar vivendo. À noite, vieram os mais próximos deles, velar pela esperança de Maria e Gabriel. Na primeira noite, as rezadeiras gritaram rasgando as paredes de adobão, esmagando o terço e açoitando o peito com as mãos pedindo a intercessão do divino sobre Gabriel. Os homens contavam as histórias deles em cruz com os encontros com o acamado. Tião de Sibilho lembrou, nos bancos situados na frente daquela casa e debaixo de um pé de umbu, sobre um dia que Gabriel subiu numa árvore alta como Dezembro e pegou dois filhotes de Congos para que eles cantassem para Sibilhinho. João de arrozal disse que Gabriel certa vez correu uma raposa vermelha em fogo vinho num laranjal derramado em flor branca voando pelo impulso dos pés dos dois corredores; mas não conseguiu pegá-la, pois aquela terra úmida e distinta por ali tinha uma testa de canavial oportuna para o momento da fuga do animal. Liarva aproveitou a escuta no momento de servir café para os homens lá fora e contou, pedindo o testemunho de seu marido Arviu, sobre a noite em que Gabriel foi guardar o pequeno milharal deles para saber que animal vinha nos lençóis da noite comer o mantimento cheiroso; e depois ela disse que era um boi tão vermelho que nem a noite escondia sua cor. Noutra noite, a noite trouxe gente de terra de silva, lugar longe dali, onde eles conheciam Gabriel, rio de vento, pela amizade e trabalho doce em limpar o chão com língua de enxada. Abriram veias na seca do terreiro para minarem as leiras de cozinhar comida para o povo amigo, em meio a tanta esperança amiga que pulsava o ar e tremulava o calor sob o peito de Gabriel caído sobre a cama e embaixo dos ventosos cabelos negros mel de Maria. Maria, aproveitando o cheiro de orvalho de vapor, resolveu plantar uma muda de Jabuticaba no cume do maior torrão saindo da terra de seu terreiro, a fim de o mal da espinha de víbora vazar e frutificar por fora da pele do amado. Eram cinco dias e Gabriel sonhando longe. Velas corriam e saíam de suas mãos; amigos viviam as noites juntos daquele horizonte de homem. Maria se soltava do suspiro alegre a cada dia a menos, mas não se esquecia de cantar sibilando na copa do ouvido direito do seu enfermo bem. No dia de seis distâncias, uma andorinha veio ao meio dia e aninhou ao lado de Gabriel; não quis fugir, queria aí esperar. Tentaram espantar ela com panos brancos, mas ela não se mexia, era a ordem do destino dela “soldadear”. Caiu do vento. Maria colheu e não ousou tirar o passarinho do leito. Noutra noite, do dia sete, meu cansado amigo ouvidor, noite clareada de céu rasgado por luz vinda do sopro daquele pássaro de leito, saiba que dos ventos soltaram-se as asas, o beijo secou e um senhor tempo deixou lágrimas pela janela. Era noite de Nossa Senhora da Graça, madrinha divina de Gabriel que reclamou o levante do pó de alma que salgava aquele corpo. Maria caiu, deitou

sobre o chão da vida para sempre rastejar, buscando seu amor trágico e lírico e
repentinamente pensando:

– Andorinha voou, cantou; deixou um ninho no meu trovão.